# HISTÓRIA DO PETRÓLEO

## Entre hegemonia, competição e crise capitalista



**Conselho Editorial da Editora Livraria da Física**

Amílcar Pinto Martins - Universidade Aberta de Portugal

Arthur Belford Powell - Rutgers University, Newark, USA

Carlos Aldemir Farias da Silva - Universidade Federal do Pará

Emmánuel Lizcano Fernandes - UNED, Madri

Iran Abreu Mendes - Universidade Federal do Pará

José D'Assunção Barros - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Luis Radford - Universidade Laurentienne, Canadá

Manoel de Campos Almeida - Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Maria Aparecida Viggiani Bicudo - Universidade Estadual Paulista - UNESP/Rio Claro

Maria da Conceição Xavier de Almeida - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Maria do Socorro de Sousa - Universidade Federal do Ceará

Maria Luisa Oliveras - Universidade de Granada, Espanha

Maria Marly de Oliveira - Universidade Federal Rural de Pernambuco

Raquel Gonçalves-Maia - Universidade de Lisboa

Teresa Vergani - Universidade Aberta de Portugal

Maria Clara Cardoso

# HISTÓRIA DO PETRÓLEO

## Entre hegemonia, competição e crise capitalista

Série Saber & Crítica 23

LF EDITORIAL

2026

Copyright © Maria Clara Cardoso
1ª Edição

Direção editorial: Victor Pereira Marinho e José Roberto Marinho

**Capa**: Fabrício Ribeiro
**Projeto gráfico e diagramação**: Fabrício Ribeiro

Edição revisada segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Cardoso, Maria Clara
História do petróleo: entre hegemonia, competição e crise capitalista / Maria Clara Cardoso. – São Paulo: LF Editorial, 2026. – (Saber & crítica ; 23)

Bibliografia
ISBN 978-65-5563-818-9

1. Capitalismo - Brasil 2. Indústria petrolífera 3. Petróleo - História 4. Preços 5. Segunda Guerra Mundial I. Título II. Série.

26-397101.0 CDD-622.33809

---

Índices para catálogo sistemático:
1. Petróleo: História 622.33809

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida sejam quais forem os meios empregados sem a permissão da Editora.
Aos infratores aplicam-se as sanções previstas nos artigos 102, 104, 106 e 107 da Lei Nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998




Editora Livraria da Física
www.livrariadafisica.com.br
www.lfeditorial.com.br

# SUMÁRIO

Petróleo: uma abordagem a partir do capitalismo e dos ciclos de preços.....6
Da longa depressão do Século XIX à Segunda Guerra Mundial....9
O petróleo no ciclo expansivo do pós-guerra .....35
Da crise do pós-guerra à reorganização neoliberal .....44
O petróleo no Século XXI.....87
Bibliografia comentada .....133
Sobre a autora .....136

# PETRÓLEO: UMA ABORDAGEM A PARTIR DO CAPITALISMO E DOS CICLOS DE PREÇOS

Às margens do rio Eufrates, há cerca de quatro mil anos, uma substância escura e pastosa era recolhida e utilizada pelas populações locais. Séculos depois, Heródoto relataria como o betume que aflorava junto às águas do rio na cidade de Is era levado até a Babilônia para a construção de suas monumentais muralhas. Plutarco, por sua vez, menciona que, enquanto atravessava a Babilônia, que se submetera ao seu domínio, Alexandre, o Grande, ficara impressionado com uma abertura no solo da qual o fogo jorrava continuamente sem se extinguir. Seria ali, na Mesopotâmia, que, em 1927, próximo às chamas eternas de Baba Gurgur, a descoberta de petróleo revelaria o enorme potencial petrolífero da região, apressando os dirigentes de algumas das maiores companhias internacionais a assinar, no ano seguinte, um acordo de cooperação para a exploração nas antigas possessões do Império Otomano, em um dos mais famosos e controversos acordos empresariais da história. Décadas depois, na noite de 17 de março de 2003, George W. Bush anunciou, em pronunciamento à nação, a decisão de invadir o Iraque sob o signo do "combate

ao terrorismo", dando ao governo de Saddam Hussein 48 horas para abandonar o país. Na madrugada de 20 de março, forças americanas e britânicas atravessaram a fronteira a partir do Kuwait e, em cerca de vinte dias, derrubaram o governo e tomaram a cidade de Bagdá.

Quatro mil anos separam os trabalhadores que recolhiam betume às margens do Eufrates dos soldados que avançaram sobre o Iraque. Apesar de seus múltiplos usos entre babilônios, persas, gregos, romanos e outros povos, o petróleo permaneceu, até o século XIX, um recurso marginal no modo de produção capitalista. No entanto, em poucas décadas após o primeiro poço explorado comercialmente, o petróleo passou a ocupar uma posição central na reprodução material do capitalismo: revolucionando os modos de vida contemporâneos, tornando-se indissociável das esferas da produção e da circulação de mercadorias, constituindo-se como um pólo gravitacional da concentração de capitais e projetando-se como fonte de poder, hegemonia e resistência entre as nações. À medida que sua utilização se expandia e sua produção se integrava às estruturas industriais em rápida transformação, o petróleo deixou de ocupar uma posição marginal para se converter em um dos elementos estruturantes das próprias dinâmicas históricas de acumulação e crise capitalistas. Não à toa, foi um dos principais símbolos da era de formação dos monopólios globais, o motor material da expansão do pós-guerra, o estopim da crise da década de 1970 e, ainda hoje, permanece nas

primeiras páginas dos noticiários à medida que avançam os desdobramentos da crise do século XXI.

Assim, existem muitas formas de se fazer uma "história do petróleo". Longe de poder abarcar todas as vicissitudes de uma história tão ampla e interconectada, este trabalho pretende fazer um breve recorte, acompanhando o desenvolvimento das principais dinâmicas da indústria petrolífera — a saber, sua dinâmica competitiva em torno das rendas extraordinárias, sua integração ao próprio modo de produção e seu papel como fonte de poder e hegemonia — que, associadas ao próprio desenvolvimento da economia mundial e de suas contradições, criam diferentes circunstâncias históricas expressas, de forma mais imediata, pelo movimento dos seus preços.

# DA LONGA DEPRESSÃO DO SÉCULO XIX À SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

A produção comercial de petróleo em larga escala teve início apenas na década de 1860, às vésperas da longa depressão do século XIX (1873–1896), período no qual, conforme descrito por Lênin em *O Imperialismo, Etapa Superior do Capitalismo*, o esgotamento das condições históricas de reprodução ampliada do capital dá lugar a uma prolongada desaceleração econômica que, ao reduzir as taxas de lucro e elevar a pressão competitiva, engendra a transição histórica da livre concorrência ao capital monopolista e, com ela, à expansão imperialista como forma necessária de sua reprodução. É nessa conjuntura histórica que, embora a indústria petrolífera tenha surgido diante de um sistema produtivo já consolidado, essa indústria rapidamente assume um papel central nas dinâmicas históricas de acumulação e crise do capitalismo, tornando-se um dos principais símbolos da era de formação de monopólios globais. Em um curto espaço de tempo, o setor passou de um ambiente altamente competitivo para um oligopólio global, composto por grandes companhias verticalmente integradas que disputam mercados e reservas internacionais, capazes de moldar os rumos do desenvolvimento industrial e cujo papel decisivo na política se revela com clareza em meio à

crise e à guerra, consolidando, assim, o vínculo indissociável entre petróleo e imperialismo. Essa transição é expressa, também, pela passagem de um cenário de alta instabilidade dos preços para a construção de um cenário historicamente singular de estabilidade, que marcará a expansão do ciclo do pós-guerra e se esgotará com ele.

Como já mencionado, o "óleo de pedra" não era uma substância desconhecida. Utilizado desde a Antiguidade para diferentes finalidades, o petróleo era obtido de forma rudimentar em áreas onde aflorava naturalmente à superfície — geralmente misturado à água em mananciais ou encontrado incidentalmente em perfurações de sal — e recolhido por meio de trapos e escumadeiras em quantidades escassas. Como apresenta Daniel Yergin em seu clássico *O Petróleo: Uma História Mundial de Conquistas, Poder e Dinheiro*, foi essa substância pastosa, conhecida também como "óleo de Sêneca", utilizada por populações indígenas locais e comercializada por curandeiros itinerantes como remédio para diversos males, que levou George Bissell a imaginar sua exploração comercial como fonte de iluminação. Essa possibilidade foi confirmada pelo laudo do químico Benjamin Silliman Jr., que demonstrava a viabilidade do refino para a produção de um óleo iluminante de baixo custo. Faltava, no entanto, desenvolver os meios para extraí-lo em escala comercial. Com base no parecer de Silliman Jr., Bissell e seus investidores financiaram a perfuração do primeiro poço comercial, realizada por Edwin Drake em Titusville, na Pensilvânia, em 1859. A partir da

adaptação das técnicas utilizadas nos poços de sal e do uso improvisado de barris de whisky para o armazenamento do óleo, o sucesso da operação inaugurou a indústria petrolífera moderna, inicialmente organizada em torno de um produto principal: o querosene, que rapidamente transformaria o mercado de iluminação no século XIX.

Após a perfuração bem sucedida, a força da demanda por essa mercadoria transformou rapidamente o petróleo em uma matéria-prima altamente valiosa, atraindo aventureiros de diversas regiões para a área. Cerca de quinze meses depois, aproximadamente 75 poços já estavam em produção e Titusville havia se convertido em um polo de forasteiros em busca de enriquecimento rápido e ganhos especulativos. A região passou então a ser conhecida como Oil Region, tendo Titusville como seu principal centro e contando ainda com uma cidade vizinha rebatizada como Oil City. Como a tecnologia de refino era relativamente barata e acessível, já havia ao menos quinze refinarias em funcionamento na região, além de outras cinco em Pittsburgh.

Até então, os poços eram modestos. Isso mudou em 1861, quando perfuradores encontraram o primeiro poço de grande vazão que jorrava a quantidade espantosa de 3 mil barris ao dia, com uma explosão que queimou por três dias seguidos. Apesar de tal fato ter ocorrido poucos dias após o primeiro disparo que deu início à Guerra de Secessão nos EUA, esse poço anunciou amplo suprimento disponível de petróleo ao mundo, tornando possível, a esses aventureiros, fazer fortunas da noite para o dia ao comprar

um pedaço de terra nas *oil regions* e iniciar ali uma pequena produção. Para os residentes, era possível dividir terrenos em pequenos lotes e vender a grandes preços. Para aqueles que compravam terrenos, era possível revender por um preço multiplicado em várias vezes e assim o frenesi proporcionado pela expectativa de fortunas criou rapidamente uma rede de negócios especulativos.

A febre da busca pelo petróleo foi logo substituída por outra: a de extraí-lo em maior quantidade e o mais rapidamente possível. Porém, ainda que a demanda por querosene crescesse rapidamente, insuflando os preços, a expansão da produção superava a demanda com frequência, gerando crises de sobre oferta. Entre 1861 e 1862, a produção da região saltou para a casa dos milhões de barris, ao passo que os preços despencaram de dez dólares por barril para poucos centavos em dezembro de 1861 e muitos produtores que haviam investido tudo que tinham se arruinaram da noite para o dia. No entanto, o crescimento da demanda era impulsionado pelos preços baixos e a iluminação por querosene alcançava cada vez mais pessoas. Dessa forma, a queda dos preços do petróleo levou a uma vitória definitiva da mercadoria na região contra os produtos concorrentes e a demanda logo alcançou a produção. Ao final de 1862, o preço havia retornado para 4 dólares e no fim de 1863 alcançou os 7,25 dólares. Apesar da flutuação dos preços e dos investimentos arruinados, a região continuava atraindo multidões pela possibilidade de enriquecimento súbito. Como menciona Yergin, um poço memorável havia

retornado em dois anos 15 mil dólares para cada dólar investido. E assim, tão logo as falências se consolidavam, os reajustes entre a oferta e a demanda elevavam os preços do petróleo e um novo boom se iniciava, promovendo uma competição selvagem em busca do ouro negro.

Tais movimentos desenfreados de elevação e quedas abruptas, de grandes fortunas e falências, de sucessivos desajustes entre oferta e demanda, alternando entre os fantasmas da escassez e da abundância de petróleo no mercado, ocorreram diversas vezes entre as décadas de 1860 e 1870, seja pela contínua disseminação do uso do querosene, seja pelos investimentos em poços que, logo que explorados de maneira intensa e descuidada, secavam em pouco tempo.

É diante desse cenário de intensa competição e instabilidade que o monopólio se apresentou como meio fundamental para garantir a consistência da fortuna derivada do petróleo — e esse foi o caminho trilhado por John D. Rockefeller na construção da Standard Oil nos Estados Unidos. Rockefeller, então sócio de uma refinaria de médio porte e também atraído à Pensilvânia pelos *booms* do petróleo, abominava a selvageria desse mercado com o entendimento de que sem ordem, não haveria lucros. Havia, portanto, um problema central: apesar do crescimento do mercado de querosene e lubrificantes, a demanda não se expandia no mesmo ritmo da capacidade de refino ofertada, cuja instalação ainda exigia relativamente pouco capital ou conhecimento técnico, e a elevada competição entre refinadores pressionava continuamente os preços e ameaçava a

sustentabilidade dos negócios. Colocava-se, portanto, como necessário à lucratividade, estabelecer o controle da oferta.

Aproveitando-se dos ciclos de oscilação dos preços, sua refinaria, fundada em 1870 e batizada como Standard Oil para associar a companhia à ideia de um combustível padronizado, confiável e seguro — em oposição às diferentes qualidades existentes no mercado que poderiam causar acidentes —, a companhia acumulava reservas estratégicas não apenas para sobreviver aos períodos de baixa, mas também para adquirir concorrentes falidos. À medida que crescia, era capaz de ela mesma, baixar temporariamente os preços de oferta do querosene com o objetivo de enfraquecer e incorporar refinarias concorrentes. E, à medida que cresciam as descobertas de petróleo na região, avançando para o oeste nos Estados Unidos, a Standard Oil se tornava cada vez mais capaz de dominar o setor de refino nessas áreas, abaixando artificialmente os preços nas localidades em disputa, com preços subsidiados pelo aumento que impunha nas regiões onde já dominava a oferta, expandindo progressivamente seu poder econômico e sua abrangência territorial pela anexação da concorrência em torno de sua arquitetura empresarial: a Standard Oil Trust, que dá origem ao próprio termo truste. Em 1879, menos de uma década após sua fundação, a Standard Oil já havia alcançado o monopólio prático do refino, controlando 90% da capacidade de refino do país.

Além das refinarias, a Standard Oil avançou sobre o transporte, obtendo tarifas mais vantajosas das ferrovias

e ampliando progressivamente seu controle sobre os oleodutos, o que reduzia seus custos e fortalecia sua posição diante dos concorrentes. Recorreu também a táticas mais agressivas de marketing e de controle das vendas do querosene até o consumidor final — seus funcionários deveriam intimidar os comerciantes que ousassem comercializar os produtos da concorrência. Contudo, para consolidar seu domínio sobre o mercado e reduzir de forma duradoura as intensas flutuações de preços resultantes da competição, tornava-se necessário avançar sobre os diferentes elos da indústria petrolífera, em um processo de crescente verticalização da companhia. Faltava, portanto, assegurar o domínio sobre uma atividade crucial: a extração de petróleo. Assim, à medida que a produtividade dos poços das *oil regions* entrava em declínio, a fronteira petrolífera expandia-se em direção ao estado de Indiana e a outras regiões dos Estados Unidos, incluindo a costa oeste. Foi nesse contexto que a Standard Oil ampliou sua atuação para a etapa de produção, valendo-se do capital acumulado, de suas táticas competitivas e do poder de mercado já consolidado. Ainda em 1891, a companhia já controlava cerca de um quarto da produção de petróleo bruto do país.

Com o sucesso dessa estratégia e apesar da competição remanescente de outras empresas do ramo, a Standard Oil tornou-se incontestável como principal potência petrolífera do país e símbolo da era de formação dos monopólios nos Estados Unidos, arruinando inúmeros pequenos produtores e refinadores que encontrou em seu caminho.

Sua concentração de poder, contudo, produziu crescente reação política e popular que levou, ainda em 1911, à sua divisão em 34 empresas independentes por determinação da Suprema Corte. Ainda assim, o desmembramento da Standard Oil não freou a tendência à concentração e centralização do capital petrolífero, que já avançava para a consolidação de um novo padrão de organização da indústria, marcado pela verticalização, pela elevação das barreiras de entrada e pelo controle coordenado da produção e dos mercados. Tampouco significou uma fragmentação de capitais: os acionistas da antiga Standard Oil receberam participações nas companhias resultantes da divisão, preservando a enorme riqueza acumulada por Rockefeller, que se tornaria o primeiro bilionário dos Estados Unidos ainda em 1916.

O movimento popular e o governo norte-americano, no entanto, não eram as únicas ameaças ao domínio da Standard Oil sobre o setor. Internamente, com a descoberta de petróleo no Texas e o avanço da fronteira petrolífera em direção ao Golfo do México, surgiram novas companhias com potencial competitivo, como a Gulf Oil e a Texas Oil Company (Texaco), com início das operações, respectivamente, em 1901 e 1902. Mais importante, porém, era a transformação que se desenhava em escala internacional. Pouco tempo após consolidar o monopólio prático sobre o refino e grande parte da produção norte-americana, a Standard Oil passou a enfrentar a concorrência de outras grandes companhias verticalmente integradas, assentadas

em diferentes reservas petrolíferas, articuladas ao capital de outras grandes potências e frequentemente apoiadas pelos interesses estratégicos de seus respectivos Estados nacionais.

Do outro lado do mundo, longe dos tentáculos da Standard Oil, consolidava-se outro grande berço da indústria petrolífera: a região de Baku, no Império Russo. Ali, destacavam-se a Nobel Brothers Petroleum Company, fundada na década de 1870 pelos irmãos Ludvig e Robert Nobel, e a Caspian and Black Sea Petroleum Company (BNITO), ligada à família Rothschild, que contribuiu para a construção da infraestrutura necessária ao escoamento da produção de Baku até o porto de Batum, no Mar Negro, ampliando sua inserção nos mercados internacionais. Alguns anos depois, impulsionada pela lucratividade do setor, surgia a Royal Dutch, em 1890, vinculada aos interesses da coroa holandesa, com exploração em suas possessões nas Índias Orientais, na atual Indonésia, enquanto a Shell Transport and Trading Company, criada em 1897, desenvolvia uma ampla estrutura de transporte e comercialização de petróleo, especialmente na corrida pelos mercados asiáticos. Em 1907, a associação entre Royal Dutch e Shell deu origem ao Royal Dutch/Shell Group, atualmente apenas Shell, que rapidamente se tornou um dos principais concorrentes internacionais da Standard Oil. Na mesma direção, o avanço da influência britânica sobre o Oriente Médio favoreceu a criação da Anglo-Persian Oil Company, fundada em 1909 na Pérsia, atual Irã, a partir da concessão

de William Knox D'Arcy. Em 1914, às vésperas da Primeira Guerra Mundial, o governo britânico adquiriu 51% de suas ações, assumindo o controle efetivo da companhia e consolidando o petróleo como um ativo estratégico para o Estado britânico.

Tais empresas passariam as décadas seguintes disputando grandes guerras comerciais, com o objetivo de controlar os mercados de derivados na Europa e na Ásia, bem como de internacionalizar a produção, buscando acesso a novos campos férteis em regiões como a Ásia Central, a América Latina e o Oriente Médio. Ainda que, em razão da decisão judicial de 1911, a Standard Oil tenha sido obrigada a se dividir em 34 empresas menores, as principais entre elas — a Standard Oil of New Jersey, a Standard Oil of California e a Standard Oil of New York — continuariam exercendo grande impacto sobre o mercado, dando seguimento ao legado da competição internacional inaugurada pela antiga companhia e recorrendo, por vezes, à guerra de preços à maneira de Rockefeller para fragilizar e posteriormente anexar seus concorrentes. Consolidava-se, assim, uma estrutura internacional baseada na concorrência entre grandes companhias petrolíferas verticalmente integradas, cuja crescente escala, domínio das infraestruturas estratégicas e acesso privilegiado às reservas elevavam as barreiras de entrada e restringiam a participação de novos competidores.

A disputa pelas rendas extraordinárias do petróleo deixava, assim, de ocorrer predominantemente entre pequenos

produtores e passava a se expressar na competição entre grandes corporações internacionalizadas, que reuniam sob seu controle parcelas crescentes da extração, do transporte, do refino e da distribuição. A mudança na escala e nos agentes da competição, contudo, não eliminava as contradições que haviam marcado os primórdios da indústria. Sob novas determinações históricas e em uma escala global, a competição entre as grandes corporações reproduzia tendências já observadas na Pensilvânia: os frequentes descompassos entre oferta e demanda, as guerras de preços e a consequente compressão das margens de lucro das companhias. Nos primeiros anos do século, essa dinâmica competitiva ganharia, ainda, novos contornos.

Enquanto a expansão da fronteira petrolífera avançava sobre novas áreas produtoras — como o Texas e o México —, inflando a oferta mundial e dando origem a novas grandes companhias que escapavam ao controle da Standard Oil, como a Gulf e a Texaco, a eletricidade substituía progressivamente o consumo de querosene nas grandes cidades. A combinação desses movimentos estabelecia, assim, uma conjuntura instável, que apontava para uma crescente saturação dos mercados. Outras transformações, no entanto, estavam em andamento e retardariam a configuração de um cenário de sobreoferta e redução dos preços: a ascensão da gasolina como novo eixo da indústria e, pouco depois, a eclosão da Primeira Guerra Mundial, que dispararia a demanda por combustíveis e daria ao velho fantasma

da escassez um novo significado, agora diretamente associado ao poder econômico e militar das nações.

O querosene havia sido responsável por estender o dia das populações em regiões antes não alcançadas pelas soluções de iluminação existentes — e foi em torno desse valor de uso que se ergueram algumas das maiores companhias do mundo. Sua perda de espaço para a eletricidade nos centros urbanos, contudo, não representou um problema para uma indústria capaz de se adaptar e encontrar novos mercados. Até então considerado um subproduto de baixo valor e frequentemente descartado durante o refino, a gasolina adquiriu importância crescente com os avanços tecnológicos no setor automotivo e a expansão da produção em massa de veículos.

Essa transformação, por sua vez, não foi resultado apenas de uma adaptação espontânea da indústria às mudanças tecnológicas. As próprias companhias petrolíferas participaram ativamente da criação e da expansão dos mercados capazes de absorver seus derivados, direcionando investimentos, articulando cadeias produtivas e contribuindo para conformar os padrões tecnológicos e de consumo que sustentariam a expansão do petróleo. Na virada do século, motores elétricos, a vapor e à combustão disputavam espaço na propulsão dos novos automóveis, mas a maior autonomia e rapidez de abastecimento dos motores à combustão, somadas à infraestrutura de produção e distribuição já consolidada pela indústria petrolífera, favoreceram a rápida expansão dos veículos movidos à gasolina.